mento um processo sócio-histórico. 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

VYGOTSKY, L.S. A Formação Social da Mente. 6ª ed. São Paulo, SP. Martins Fontes Editora LTDA, 1998

VYGOTSKY, L.S; LURIA, A.R. & LEONTIEV, A.N. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1998

Referência: Jussara de Barros, Graduada em Pedagogia – Brincadeiras e Brinquedos Culturais, copuright@2021 –acessado em 15/03/21021.

A IMPORTÂNCIA DO DESENHO NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS

A RELAÇÃO DO DESENHO COM A ALFABETIZAÇÃO

DIVINA MARIA DAS GRAÇAS DE AMORIM

RESUMO

O desenho infantil é muito importante para o desenvolvimento da criança, inclusive durante o processo de alfabetização. O presente trabalho tem como finalidade apresentar um estudo sobre essa importância evidenciando as fases do desenho infantil e demostrando sua relação com a alfabetização. Para tanto, a metodologia utilizada foi o levantamento bibliográfico de livros, periódicos e sites que abordam o tema e a reflexão e análise desse material, as principais referências foram: Luquet, lowenfeld e Brittain, Ferreiro e Teberosky, entre outros.

Palavras chaves: Desenho, Criança, Alfabetização.

INTRODUÇÃO

Durante o processo de alfabetização costumam surgir algumas dúvidas com relação ao que ensinar. Sabemos que muitas vezes a brincadeira fica de lado, o conteúdo fica restrito e existe uma priorização da língua portuguesa, esquecendo-se de outros conteúdos que também fazem parte desse processo e que são de suma importância para a vida do aluno.

Pensando nisso, essa pesquisa procurou estudar o desenho infantil, que muitas vezes é deixado de lado durante a alfabetização, a fim de mostra a sua importância e contribuição para a formação do sujeito, assim como para o próprio processo de ensino aprendizagem, especialmente para alfabetização.

DESENVOLVIMENTO

DO RASBISCO AO REALISMO: A EVOLUÇÃO DO DESENHO INFANTIL.

Quando pensamos na palavra desenho imaginamos uma representação de coisas, pessoas, objetos, uma reprodução de imagem ou até mesmo uma atividade ima gráfica resumida a lápis e papel. Porém, por meio do desenho, a criança se expressa particularmente, revelando seus sentimentos, ideias, desejos, vontades, suas experiências e principalmente sua concepção de mundo.

O desenho traz em seu conteúdo a expressão do pensar e do sentir do indivíduo. E na criança, tem o significado da expressão do seu desenvolvimento motor e aquisições do seu relacionamento com o meio social.

Para Lowenfeld e Brittain (1977 p. 13)

Desenhar, pintar ou construir constitui um processo complexo em que a criança.

Reúne diversos elementos de sua experiência, para formar um novo e significativo. No processo de selecionar, interpretar e reformar esses elementos, a criança proporciona mais do que um quadro ou uma escultura proporciona parte de si próprio como pensa, como sente e como vê. Para ela, arte é atividade dinâmica e unificadora.•.

É para a criança a maneira natural de expressão sem um comprometimento fiel da realidade por a ludicidade de seus pensamentos tornam o desenho significativo.

Assim, percebemos que o desenho se mantém presente nas diversas atividades cotidianas da criança. Seja ao ver um livro, mapa, revista, jornal, jogo, entre outros. Dessa forma, o desenho apresenta uma natureza flexível e transitória utilizada em diferen-

tes momentos de nossa vida. O desenho é uma linguagem muito antiga “permanente, sempre esteve presente desde que o homem inventou o homem. Atravessou fronteiras espaciais e temporais, e por ser tão simples, teimosamente acompanha a nossa aventura na terra”. (DERDYK, 1993, p.10).

O homem pré-histórico utilizou-se dos desenhos nas paredes das cavernas para expressar-se, e através dos mesmos é possível compreender seu modo de viver e a maneira como o conhecimento era transmitido de geração a geração.

Esses desenhos foram aperfeiçoando-se cada vez mais. O desenho assumiu diferentes papeis em cada sociedade. No Egito, por exemplo, era um meio de expressão manifestado em túmulos e templos construídos pelos povos da região. Já na Mesopotâmia o desenho contribuiu na elaboração de mapas cartográficos, facilitando as atividades comerciais entre oriente e ocidente.

Com o tempo, o desenho foi sendo representeado por meio de diferentes materiais, como: barro, madeira, argila, pedra até chegar ao papel. (ZARZ, 2002, p.20)

Nota-se claramente que “o homem sempre desenhou, sempre deixou registro gráficos, índices de sua existência, comunicados íntimos destinados a posteriores” (DERDYK, 1993, p.10).

O desenho sempre significativo á civilização e contribuiu no desenvolvimento da linguagem das civilizações antigas e o nascimento da escrita.

Como para os povos primitivos, para as crianças o desenho também é uma forma de expressão onde manifestam seus sentimentos, alegria, tristezas, fantasias, entre outros. Aos poucos a criança vai percebendo que o que ela vê, sente e aprecia ou não no mundo exterior pode ser representado.

De acordo com Moreira (2009 p.26) ao desenhar a criança pode utilizar-se de diferentes linguagens como o brincar, falar, cantar, dentre outras formas de expressão. Conforme a criança vai crescendo seus desenhos vão modificando-se também e as maneiras de desenhar não são idênticas em todas as crianças, levando em consideração a influência biológica, social, econômica e cultural das mesmas, além de suas características individuais.

Tais características tomam as especificidades do desenho infantil bastante complexa, o que fez com que se tornasse objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento, tais como: psicólogos, psicanalistas, pedagogos e outros especialistas.

Os primeiros estudos sobre a produção gráfica das crianças datam no final do século XX e estão fundados nas concepções psicológicas e estéticas. Nessa época, as crianças eram vistas como adultos em miniatura e apresentavam fracassos nas intervenções que tinham como objetivo preparar um futuro artista.

A partir do momento em que de descobre a originalidade da infância que perpassou pela descoberta da ação da criança e da evolução a padrões reconhecíveis e depois interpretáveis, passa-se a reconhecer um novo sentido ás produções infantis.

Nesse contexto, diversos técnicos abordaram o tema, propondo, inclusive, diferentes estágios para classificação da evolução do desenho na criança (SIMAS,2011P.26)

Georges Henri Luquet (1969) Foi um dos primeiros estudar o desenho infantil. Buscou entender como a criança desenha e propôs quatro estágios de desenvolvimento do desenho infantil; realismo fortuito, realismo falhado, realismo intelectual e o realismo visual.

Luquet (1969, p, 135) afirma que o desenho da criança “não mantém as mesmas característica do princípio ao fim. Portanto, convém fazer sobressair o caráter distintivo das suas fases sucessivas”. Como ele acredita que cada desenho é essencialmente realista, posto que a criança tenha representar um objeto tal como ela o vê, caracterizou todas as fases como uma espécie de realismo.

De acordo com Silas (2011) o primeiro estágio fortuito é dividido em duas etapas: o desenho involuntário (linhas e traços espontâneos ainda sem a intenção de representar a imagem de representar a imagem de um objeto, mas sim de fazer movimentos com a mão) e o desenho voluntário (desenha ini-

cialmente sem intenção de representar algo, mas depois interpreta seus traços atribuindo-lhes algum significado ou nome).

No estágio do realismo falhado ou capacidade sintética, a criança tenta ser realista ao desenhar determinado objeto, porém não consegue limitar seus movimentos gráficos exagerando nas dimensões em qualquer parte do mesmo.

No estágio do realismo falhado ou incapacidade sintética, a criança tenta ser realista ao desenhar determinado objeto, porém não consegue, porém não consegue limitar seus movimentos gráficos exagerando nas dimensões em qualquer parte do mesmo.

No terceiro estágio, realismo intelectual, a criança consegue superar suas limitações e fazer um desenho realista, representando fielmente o que vê e também manifesta em seus desenhos "não só os elementos concretos invisíveis, mas mesmo os elementos abstratos que só tem existência no espirito do desenhador "(LUQUET, 1969, p.160)"". A criança desenha com base na concepção que tem sobre o objeto naquele momento sem se preocupar com a estrutura visual.

O último estágio, realismo visual, é o período no qual o desenho infantil assume característica do desenho adulto, já que a criança passa a se preocupar em representar os detalhes e elementos do objeto que vai desenhar.

Vale ressaltar que os estágios desenvolvidos por Luquet não tem relação direta com uma idade cronológica das crianças, mas sim com as interações com o objeto a ser desenhado. Como aponta (PILLAR, 1996, p.51) os estágios de Luquet não são rígidos, pois um deles pode se prolongar enquanto o outro já pode ter começado.

ASSIMCOMO Luquet, Viktor Lowenfeld e Brittain (1977), também sugeriram diferente estágio de evolução do desenho infantil baseado na interação e no desenvolvimento integral da criança. Para eles os estágios são uma forma de entender pré-esquemático, realismo nascente.

O estágio das garatujas, proposto por Viktor Lowenfeld e Brittain, dura aproximadamente dos dois aos quatro anos (fase sensória motora e parte da fase pré-operacional de Piaget). Nele a criança constrói seu primeiro rabisco espontâneo e traços desordenados ainda desprovidos de controle motor. Ignora os limites do papel e mexe todo o corpo para desenhar, avançando os traçados pelas paredes e chão.

Aos poucos essa garatuja vai ficando mais ordenadas e controladas pela coordenação motora da criança. A criança ainda não tem intenção de representar algo, mas sente prazer na execução dos gestos e movimentos. A figura humana é inexistente ou pode aparecer de maneira imaginária. A cor tem um papel secundário, aparecendo o interesse pelo contraste, mas não há intenção consciente. As primeiras garatujas são linhas longitudinais que, com o tempo, vão se tornando circulares e, por fim, se fecham em formas independentes. São subdivididas em:

- Garatujas desordenadas: atitudes motoras que utiliza o braço (alavanca do cotovelo).

- Garatujas ordenadas: ocupa todo o espaço do papel, diverte-se com os efeitos. É a fase da evolução motora.

- Ordenadas com atribuição de nomes: mesmo sem formas reconhecíveis, a criança atribui-lhe nomes.

Os autores chamam a atenção para a importância dessa fase muito significativa para a criança já que é o início de uma expressão que conduz, não só ao desenho, mas também às palavras escritas. Quando mais experiência vivida pela criança, mais amadurecimento ela obterá em seu desenvolvimento.

O estágio pré-esquemático surge em seguida, aproximadamente dos quatro aos sete anos (fase pré-operatória de Piaget), e para Viktor Lowenfeld e Brittain a criança nesse estágio: faz a representação típica de um homem apenas com a cabeça e pés e começa desenhando uma quantidade de outros objetos de seu meio, com os quais teve contato,

Essas figuras ou estes objetos aparecem colocados de um modo um tanto desordenado no papel e podem variar consideravelmente, de tamanho (1977, p.54).

Notamos que nesse momento a criança faz representação sobre as pessoas, objetos e características do mundo a sua volta, ainda que não consiga organizar tudo isso no papel e o tamanho de seus desenhos tenha certa instabilidade. Vale ressaltar que quando maior a interação da criança com o meio e objetos a sua volta, mais ricas serão as suas produções.

Nesse estágio aparece a descoberta da relação entre desenho, pensamento e realidade. Inicialmente os desenhos são dispersos espaciais. A figura humana torna- se a procura de um conceito que depende do seu conhecimento ativo. A utilização das cores ainda não tem relação com a realidade, dependendo assim do interesse emocional.

O próximo estágio, esquemático, que começa por volta dos sete anos e vai até os nove (fase operatória concreta de Piaget), caracteriza-se por diferentes formas utilizadas pelas crianças para desenhar uma figura o que torna seus desenhos mais estruturados e com maiores detalhes. Nesse estágio a criança:

Desenvolve o conceito definitivo da forma. Seus desenhos simbolizam parte do seu meio, de um modo descritivo; habitualmente, ela repete uma e outra vez o esquema que criou para representar um homem (LOWENFELD; BRITTAIN, 1977, P.55).

Nesse estágio surge o primeiro conceito de espaço; a linha de base. Apesar da criança já ter um conceito definido quando à figura humana, aparecem certos desvios como: exagero, omissão ou mudança de símbolo, mas também aparecem mais detalhes como cabelos, roupas, pés e mãos. Descobre-se a relação cor/objetos podendo haver desvio por experiência emocional e variedade no uso das cores buscando certo realismo. É uma fase de temas clássicos do desenho infantil como paisagens, casinhas, flores, super-heróis, veículos e animais.

A criança, nesse estágio, é bastante exigente. Muitas deixam de desenhar se acharem que seus trabalhos não ficaram bonitos.

O último estágio proposto pelos autores, realismo nascente, começa aos nove e dura até os doze anos de idade (final da fase operatória concreta de Piaget). Nesse momento a criança desenha de forma ordenada e com minuciosos detalhes deixando de lado os desenhos grandes e livres. A criança passa a ter maior consciência do mundo a sua volta, compreendendo-0 e interpretando-o de seu modo e isso se reflete em seus desenhos.

Nesse estágio existe uma consciência maior do sexo (acentuação das roupas diferenciando os sexos) e autocritica pronunciada. No espaço é descoberto o plano e a superposição, abandonando a linha de base, Na figura aparece o abandona das linhas, surgindo formas geométricas e maior rigidez e formalismo. Os desenhos tornam-se expressivos, não só contam histórias bem como refletem sua realidade.

Simas (2011) destaca que embora os autores Lowenfeld e Brittain tenham apresentado os estágios com base na idade cronológica das crianças, tiveram dificuldade em demarcar precisamente o início e termino de cada estágio posto que a criança se desenvolva de forma continua e repleta de transformações.

As crianças com necessidades especiais apresentam características próprias. O desenho delas pode representar a imaturidade e seu nível intelectual. Por vezes fazem desenhos estereotipados, mas é possível identificar características relacionadas ao desequilíbrio entre a idade cronológica e mental e até mesmo algum comprometimento motor.

Convém ressaltar que o desenho, que representa muito sobre criança, pode ser interpretado por especialistas a fim de ajudar a entender como a criança se sente a respeito da família, da escola, entre outros.

Vale lembrar que não devemos generalizar as interpretações, posto que a interpretação de um desenho generalizar as interpretações, posto que a interpretação de um desenho isolada do contexto em que foi elaborado não faz sentido.

Cada desenho reflete os sentimentos, capacidade intelectual, o desenvolvimento físico, a acuidade perceptiva, o envolvimento criador, o gosto estético e até a evolução social da criança, como indivíduo (LOWENFELD, 1977, p.35).

O DESENHO INFANTIL E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

O desenho é uma forma das humanas de representação do pensamento. Desenhando a criança pode apresentar de forma vê o mundo, de que maneira esse processo acontece e até mesmo indicar as dificuldades na área da cognição. Também é uma das manifestações do desenvolvimento da criança ao lado da afetividade, pensamento e motricidade. Entender como a criança desenha permite entender seu desenvolvimento global.

Muitos autores acreditam que ao passar pelos estágios de evolução do desenho, a criança desenvolve a escrita, já que vai percebendo que pode "desenhar" a fala. Partindo desse pressuposto Wallon (apud,SINCLAIR,1987 ,p.77) afirma que o "desenho aparece espontaneamente; seu desenvolvimento baseia-se na interpretação que a criança dá as próprias garatujas. A escrita aparece como uma imitação das atividades do adulto"

Dessa forma, ressaltamos que o desenho e a escrita, apesar de apacerem distintas, são duas linguagens que interagem e muitas vezes se complementam. Acredita-se que o desenho é a primeira escrita da criança, pois ela utiliza dessa linguagem para inventar mensagens e se comunicar com o mundo adulto do seu jeito.

Observamos que no decorrer de cada estágio do desenho infantil, a criança evolui gradativamente, adquirindo maior capacidade de representar seres humanos, figuras geométricas, entre outros. Chega um momento que as letras misturam-se aos desenhos da criança que elabora diferentes representações gráficas até chegar à escrita alfabética.

Através do desenho a criança terá acesso a outras formas de linguagens expressivas presentes no seu cotidiano, assim como escrita.

Além do exposto acima:

O desenho antecede, organiza e estrutura o pensamento. Serve como ponte (zona proximal) entre o desenvolvimento real e o potencial, ou seja como auxiliar de significação do texto verbal e escrito num primeiro momento de aprendizagem da língua escrita. (FASSINA 2007 p.3)

Se o desenho é uma construção de um sistema de representação. A escrita também é e assim fica evidente a estreita relação de evolução dos dois. As pesquisas de Emilia Ferreiro indicam que cada pessoas, no processo de construção da escrita, aparece refazer o caminho feito pela humanidade, seja ele qual for. A escrita, pictográfica: usava um sinal ou marca para representar uma palavra (símbolos diferente para palavras diferentes); logográfica: a escrita era constituída por desenhos referentes ao nome e não ao objetos em si.

Para Emilia Ferreiro e Ana Teberosky (1999), assim como as antigas civilizações que escreviam para representar objetos, as crianças associam o significante ao significados e ao escrever produzem traços sobre o papel e criam hipóteses sobre o significado da representação gráficas.

Desde cedo a criança já tem contato com a escrita através de panfletos. Televisão, letreiros, embalagens, entre outros. Admira e imita a escrita do adulto e por isso quando chega à escola já teve contato com muitas coisas escritas.

Sabendo da importância da aquisição da escrita e em especial, do processo de alfabetização, afinal através da leitura e da escrita a criança poderá interpretar os fatos a sua volta sob uma nova visão. A escrita é, não só uma forma de representação, como também de comunicação entre as pessoas em sociedade letrada.

Pensando na funcionalidade da escrita convém refletir que o processo de alfabetização deve-se configurar como aprendizagem de uma linguagem a partir da interação da criança com o próximo objeto, e não como processo de tortura que vise apenas a grafia de palavras.

Casa criança tem o seu ritmo de aprendizagem e é ativa na construção de seu conhecimento a partir da interação com o ambiente em que está inserida. Por isso ela deve sentir-se motivada aprender para superar os desafios do processo de alfabetização.

Em seus estudos sobre aquisição da linguagem e escrita Emilia Ferreiro e Ana Teberosky(1999) concluíram que havia níveis no desenvolvimento dessa aquisição, são eles: pré-silábico, silábico, silábico alfabeto e alfabeto.

Durante o nível pré-silábico a criança "pensa que letras e números são a mesma coisa, pois são sinais gráficos muito parecidos para ela" (PILLAR, 1996,p.59);acredita que escrever é imitar os traços de um adulto e ainda que passe a traçar algumas letras, sua escrita, sua escrita ainda não transmite informação. Inicialmente a criança pensa que é possível ter diferentes nomes a partir da mesma grafia e aos poucos muda essa hipótese variando seu repertório de letras.

Nesse nível surge também o que Emilia Ferreiro e Ana teberosky chamaram de eixo quantitativo da escrita, onde a criança acredita que o número mínimo de letras para escrever uma palavra é três. Como para nós, adultos e leitores, é difícil entender esse raciocínio nas crianças, as autoras chamam a atenção para que o processo de alfabetização seja visto do ponto de vista de quem aprende (aluno) e não do de quem ensina.

Vale ressaltar também outra característica que aparece nesse nível, o realismo nominal lógico (a quantidade de letras de uma palavra associa-se ao tamanho do objeto, dessa forma coisas grandes terão escritas de nomes maiores do que nomes de coisas pequenas). Além disso, a criança rejeita a escrita de um nome com letras iguais acreditando que para haver leitura é necessário uma variedade de letras.

No nível silábico a criança considera que a escrita representa partes sonoras da fala, cada letra que ela escreve representa uma sílaba. Inicialmente as letras são escolhidas aleatoriamente para só depois terem correspondência sonora com letra que compõem a silaba. As primeiras hipótese, relacionadas a variedade e quantidade de letras, desaparecem momentaneamente.

Porém, se a criança já tiver internalizado a hipótese silábica volta à exigência de variedade de letras desacreditando que uma palavra possa ser lida com apenas caracteres iguais e, discordando escrever com menos de três letras, acrescenta letra no final da palavra. Esse momento de conflito muitas vezes é confundido com uma regressão, posto que a quantidade de letra enquadraria a criança no nível pré- silábico, mas é apenas um momento de transição, em que a criança está procurando soluções para resolver o "problema"

O próximo nível, silábico- alfabético a criança descobre a necessidade de fazer uma análise que vá além da sílaba, comprovando que "uma grafia para cada sílaba, não é suficiente para representar as palavras, pois, escrevendo silabicamente, os outros não consegue ler o que foi escrito"(PILLAR,1996,p.67).

Vai abandonando essa forma de representação da escrita oscilando muito durante esse nível.

Como destaca Simas (2011p.41):

Outra característica importante deste nível é que a criança escreve as palavras do jeito que fala, ou seja, valor sonoro está muito presente neste momento. Ao escrever a palavra "COMIDA" a criança faz o seguinte registro: "COIDA". Aqui verificamos que o valor sonoro faz parte desta trajetória e s - crita.

É importante salientar que neste nível de escrita há certa instabilidade na produção da escrita e suas características assemelham-se a etapa anterior.

"No último nível, alfabético, a criança abandona a análise silábica na construção de palavras e estabelece uma correspondência entre grafemas e fonemas" (PILLAR,1996, p.68).Já podemos considerar que a criança venceu as barreiras do sistema de representação da escrita. Isso não significa que todas as dificuldades acabaram, posto que aparecerão ao problemas ortográficos, que envolvem outro tipo de dificuldade que não diz respeito ao sistema de escrita que ela já venceu.

Claro está que o processo de aquisição da língua escrita é continuo e passa por constantes evoluções, assim como o próprio desenho infantil, que representam o momento de desenvolvimento em que a criança se encontra.

O desenho é a primeira escrita da criança, a primeira representação gráfica.

Assim como aponta Méredieu apud Simas (2011p.43), “o desenho é essencial na vida de qualquer criança, pois é a ponte para instigar a sua imaginação e permite que ela conheça as regras e práticas adotadas na sociedade em que vive”. Através do desenho a criança consegue revelar sua intimidade que muitas vezes não consegue traduzir na linguagem falada. Assim, a “experiência gráfica confia em si, mais ela se arrisca a criar e a se envolver no que faz” (OLIVEIRA,1994,p.41)

Fazendo um elo entre as ideias expostas acima e os anos iniciais do ensino fundamental, conseguimos perceber que as práticas pedagógicas não incorporam, no dia a dia escolar, a importância do desenho e sua relação no desenvolvimento da escrita. O desenho fica sem espaço diante de uma variedade de prioridades.

Luquet (1969) detalha que o descaso da criança pelo desenho também pode acontecer, e geralmente se dá na concepção do realismo visual; os desenhos que a criança faz já não atendem o pensamento crítico que ela desenvolveu e os desenhos não ficam como ela gostaria que ficassem:

Quando pressionada no tempo e pela mecânica que a faz repetir formas sempre iguais, é que a criança rompe com o seu desenho. Acontece realmente uma quebra, um corte e a criança para de desenhar, (MOREIRA, 2009, p.70)

Esse descaso também pode acontecer pela falta de compreensão dos adultos (pais e professores) em relação às fases do grafismo da criança e procedimentos de intervenção equivocados. As propostas pedagógicas não podem resumir-se apenas ao treino de habilidade motoras e pintura em ilustrações ou a atividades livres sem nenhum tipo de intervenção.

Em muitos casos, as atividades de alfabetização são em maioria exercícios repetitivos e de memorização de letras e silabas, que não ensinam a ler e escrever e criam uma desmotivação no aluno que já não tem tempo de desenhar. Tudo isso vai de encontro ao que foi exposto no primeiro item a entrada antecipada das crianças no ensino fundamental acabou sendo uma exigência antecipada da alfabetização, que gerou um preenchimento de todo o tempo da criança com atividades que não valorizam as diferentes formas de expressão, mas sim a alfabetização em si.

Não se trata de desvalorizar a aprendizagem da língua escrita, mas sim de atribuir a devida importância ao desenho nessa etapa da vida das crianças. Cabe então à instituição escolar aproveitar as formas de expressão, como o desenho, valorizando a experiência de vida das crianças e apresentando gradativamente a escrita de forma natural atribuindo-lhe sua função social e sentido da mesma no cotidiano.

Consideramos que o “(...)desenhar e o brincar deveriam ser estágios preparatórios ao desenvolvimento da linguagem das crianças” (VYGOTSKY, 1984, p 134). Para Vygostsky por ser um meio de expressão, o desenho é uma linguagem necessária para a aquisição da escrita na alfabetização. Por isso, as crianças introduzidas naturalmente nesse processo, assimilam com mais facilidade a relação existente entre o desenho e a escrita.

É necessário pensar no desenho infantil não só como forma de expressão, mas como uma linguagem que servirá de base para o desenvolvimento gráfico da criança.

O sistema educacional que reconhecer o desenho infantil como linguagem integrante do processo de aquisição da escrita contribuirá para que a criança possa construir.

As suas hipótese e desenvolver a sua capacidade intelectiva e projetiva, principalmente, quando existem as possibilidades e condições físicas, emocionais e intelectuais para elaborar estas “teorias” sob formas de atividade expressivas (DERDYK, 1993, p.54).

No entanto, o educador tem a responsabilidade de criar um ambiente que estimule o desenvolvimento do desenho assim como a aquisição da escrita. A autora Edith Derdyk ressalta que se o professor reconhecer

O processo de aquisição linguagem gráfica linguagem gráfica, retomando as descobertas e frustrações que envolvem o ato de desenhar, revivendo operações mentais e práticas que são exigidas pelo desenho, sur-

girá uma forma inédita e pessoal de se relacionar como universo infantil: a partir da experimentação e da investigação que nascem novos significados no encontro entre o adulto e a criança (1993.p.50)

Moreira (2009) chama a atenção para o fato de que o professor precisa, antes de qualquer coisa, valorizar seu ato de desenhar e experimentar diferentes linguagens (gesto, música, danças, etc) para que realmente perceba a importância do desenho para a escrita. O olhar do professor para a produção da criança significa muito para ela e tem o poder de estimulá-la ou até mesmo desmotiva-la.

O aprendizado do desenvolvimento do grafismo possibilita ao professor uns 'alfabetização" em relação ao desenho da criança, permitindo uma leitura de indicadores no desenho que mostrem a evolução ou não do mesmo e as possibilidade de intervenção que podem ser elaboradas.

Vale lembrar que o objetivo do ensino, relacionado ao desenho. Não pode estar na aceleração artificial da evolução do mesmo. A criança deve sentir-se livre para desenhar, com traços do realismo visual, quando tiver intervenção. Isso deve partir do concreto, de objetos do próprio cotidiano da criança e exercitar o natural. Tanto quanto possível.

Na visão do autor o professor não deve interferir. A criança deve se sentir-se livre para criar, desenhando do seu modo, sem intervenções ou críticas. O desenho, ao invés de ser perda de tempo, oferece a construção de representações de forma espaço e de experiências.

Palva e cardoso (2010) enfatizam que o professor proporciona aos alunos contato com diferentes desenhos e obras de arte para que possam interpretar e também sugira desenhos a partir de diferentes observação (cenas, objetos, pessoas) para que enriqueçam suas informações e o próprio grafismo explorando a criatividade.

A EXPRESSÃO EMOCIONAL E CRIADORA NOS DESENHO DA CRIANÇA.

A pessoa que é e fazem parte do seu mundo, a criança expressa no desenho de modo ricamente emocional e criador.

Uma menina de cinco anos entregou ao professor o retrato da mãe e explicou: "Esta é a minha mãe. Ela é quase um povo inteiro. Ela tem poucas garras, mas tem mil olhos. Esta é a minha mãe".

O desenho mostrava uma mulher com tentáculos e muito a olhos,o traçado era firme e agressivo e o preto foi a única cor usada.

Tempos depois, a mãe viu o trabalho que lhe foi mostrado pelo professor sem nenhum comentário e ficou seriamente alarmada. Daí por diante, ela modificou o seu relacionamento com a criança; deixou-a livre. Não mais o excesso de proteção, o exagero de cuidados, não mais a dependência absoluta. Algum tempo depois Paty tornou a retratar a mãe. No papel, ela surgia florida em frente a uma casa alegre e dourada por muitos sóis. Ao entregar o novo desenho, a menina comentou: "Ela é minha mãe ela deixa o mundo mais legal".

Como de todas as crianças do mundo, os desenhos de Paty revelam a existência de um universo interior absolutamente fantástico e diversos das

verdades reconhecidas pelos adultos. Nesse mundo prevalecem as emoções que, expressas em cor, forma, proporção, tema e traçado de modo muitas vezes verdadeiramente assombroso, denunciam alegrias e conflitos, necessidades e frustrações.

A imaginação e a incrível capacidade que a criança tem de instruir o mundo, as pessoas, os sentimentos e as situações sociais são elementos fundamentais desse universo. E a imaginação, por sua vez, não significa nada mais que tudo aquilo que a criança coloca de si mesma nas coisas e nas pessoas, no exato momento em que, pelas próprias experiências de vida, ela é capas de assumi-las. É ela mesma que decide doslimites entre o real e o mágico.

Nos desenhos de Cláudia , 9 anos , 2 anos, os casarões são o tema constante, as janelas fechadas, nenhuma luz, as fachadas pintadas de negro e marrom.

Para Clara e Vitor, ambos de seis anos, a figura humana é a única motivação. Ambos a desenham sempre só, homem ou mulher, sem nenhuma interação com o mun-

do e em cores excessivamente vivas.

Por outro lado, a maioria das crianças de nove e dez anos representa o desenho do homem sempre ligado ao meio ambiente e quase que invariavelmente significando acontecimentos atuais ou experiências vividas pela própria criança. Entre os desenhos dos meninos predominam as viagens interplanetárias e submarinas, as guerras, os bangues- bangues, o futebol e uma séries interminável de veículos de vários tipos.

Entre as meninas prevalecem o bucólico, as igrejas, os peixes,(quase sempre indicio de curiosidade sexual)e os retratos (quase sempre auto-retrato).

As casas, frequentemente pintadas em cores quentes e em proporções inadequadas quando em relação aos outros elementos do desenho. São o tema preferido de crianças se seis anos que, sem nenhuma consciência ou intenções, projetam no desenho a sua própria vida íntima, pessoal e familiar.

Há temas inesperados. E todas as crianças os produzem: quando não é a solidão de “uma estrada toda branca que vai dar ao sol”, feita por Lúcia, 9 anos, é o fantástico submarino de Délio, 5 anos, que navega em águas roxas e vermelhas ou a cidade mágica de Augusto, 8 anos , que se equilibra num pico altíssimo iluminado por mil sóis de várias cores ou, ainda , o comovente retrato de Lourenço . 9 anos, fez do mundo: “Este é o universo. Não há mais que isso no mundo: cactos morrendo, a terra se abrindo, nenhuma pessoa, tudo vermelho e negro.

Porque o desenho constitui a primeira forma universal de expressão gráfica, porque dele se pode perceber com razoável fidelidade a vida afetiva e intelectual da criança, porque ele é tão expressivamente “comunidade” e como evolui paralelamente ao desenvolvimento da inteligência, da sensibilidade e do processo da socialização.

EVOLUÇÃO GRÁFICA.

No início, são apenas rabisco em todos os sentidos. A criança tem pouco mais de um ano e, ao iniciar seus primeiros movimentos gráficos, ou com o lápis sobre o papel, ou com o dedinho sobre a terra, ela quer apenas demonstrar que esses movimentos lhe são necessários ao desenvolvimento, ao mesmo tempo em que dá o primeiro grande avanço para a construção definitiva de suas possibilidades de criação.

Dos rabiscos, que o menino faz inconscientemente, obedecendo apenas aos impulso motor, à conquista do círculo, a criança gasta um tempo mínimo (dois a três meses). Do círculo e das linhas retas emerge figura humana. O menino a representa tal qual a sente, com a cabeça enorme, sem tronco, só perna, como se tivesse algum vislumbre inconsciente das grandezas e misérias do homem, um ser que pensa e age, mais do que ama.

É logo, após a expressão do primeiro homem e que ocorre a primeira grande arrancada no desenvolvimento das capacidades intelectuais. Coincide com o mundo do pensamento pré-operatório e intuitivo, marcado pelas fantasias, egocentrismo e a descoberta do outro.

Esse “outro” é profundamente sentido pela criança “a sua imagem” e é esse homem, tirado de suas entranhas, de seus sonhos e fantasias, que ela transporta para o desenho. Um homem que existe de sua e na sua emoção. Esse homem, a criança o constrói de acordo com a sua sensibilidade e sua capacidade de interação com o mundo. Depois disso, aos quatro anos, ela principia a lenta conquista interior do meio ambiente e a figura humana vai, aos poucos , abandonando sua solidão natural dos primeiros desenhos e se situando em um universo exterior feito de casa, cidades e outros seres humanos, tudo traçado e colorido emocionalmente.

Só depois muito tempo, com a puberdade, a criança tentará substituir o emocional pelo racional. Enquanto tal não acontece, não existe na expressão plástica infantil nenhuma intenção consciente e voluntária de representar a realidade de seu tempo e espaço. O que a induz a desenhar é a necessidade de criar, impulso e condição humana, sobre um mundo subjetivo e todo seu que ela, sem nenhum favor ou vontade de, comunicar plasticamente aos adultos.

RESULTADOS

O desenho é uma forma de representação muito importante para a criança e deve ser explorado independentemente da etapa ou ano escolar. A redução dos momentos de desenhar, que geralmente acontecem com a entrada no ensino fundamental, deflagra por vezes, uma crise em ambos os sistemas gráficos, causando até mesmo desencanto pelo desenho e redução da criatividade individual (acentuando a cópia de modelos e padrões).

Se o desenho fazer parte do processo de alfabetização poderá se explorar todas suas contribuições; como forma gráfica auxiliar de significação do texto verbal e escrito, como forma de comunicação e até mesmo incentivo ao caminho artístico.

O desenho é a primeira escrita da criança e servirá como alicerce para a mesma, além de ser uma forma de expressão, e expressar-se é uma necessidade humana.

Não significa priorizar o desenho ou a escrita, mas sim compreender que de serem linguagens distintas, elas se complementam e são fundamentais para alfabetização da criança que acontece pela interação de diferentes linguagens e formas de expressão.

A alfabetização deve acontecer de forma contextualizada a realidade vivida pela criança, respeitando suas características, seus desejos, brincadeiras, seu jeito de aprender. Assim conseguimos desenvolver a criação gráfica e consequentemente a alfabetização.

Cabe ao professor conhecer as fases do desenho infantil e suas relações com o desenvolvimento artístico quando para aquisição da escrita.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo possibilitou um melhor entendimento a respeito do desenho infantil evidenciando sua importância e contribuição no processo de alfabetização.

Para os educadores, ele é de suma importância no que diz respeito a compreensão das fases do desenvolvimento da criança, posto que o entendimento leva a prática mais eficaz e diretamente ligada ao que a criança precisa para avançar.

É preciso mostrar para os educadores envolvidos com a fase de alfabetização que o se desenho não é perda de tempo no processo de aquisição da escrita e sim um complemento, algo que estar atrelado a esse momento tão importante na vida da criança.

Seria interessante que esse artigo ganhasse uma dimensão aplicados onde pudéssemos ver de que forma o desenho tem sido trabalhado em salas de aula, ou ainda possibilidades de intervenção por meio do desenho

ABSTRACT

Children's drawing is very important for the child's development, including during the literacy process. The present work presents a study on this importance, evidenced as phases of children's drawing and demonstrates its relationship with literacy. To this end, a methodology used was the bibliographic survey of books, periodicals and websites that address the theme and the reflection and analysis of this material, as main references: Luquet, Iowenfeld and Brittain, Ferreiro and Teberosky, among others.

Keywords: Drawing, Child, Literacy

REFERÊNCIAS

Derdyk, Edith, formas de pensar o desenho; O desenvolvimento do grafismo infantil como fonte de múltiplas possibilidades no ensino fundamental, disponível em http://ppgav.ceart.udesc.br/ciclo3/ anais/marice%20 Fassina.pdf. 2012

FERREIRO. Emília; TEBEROSKS, Ana. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Editora Artmed,1999.

LOWENFELD, Viktor, BRITTAIN, W. Lambert. Desenvolvimento da capacidade criadora. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1977.

LOWENFELD, Viktor. A criança e sua arte. 2 ed. São Paulo: Mestre Jou,1977.

OLIVEIRA, Vera Barros de; BOSSA, Nádia. Avaliação Psicopedagógica da crian-